

O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA REFLEXÃO TEÓRICA E PRÁTICA

THE USE OF TEXTUAL GENRES IN CLASSES OF PORTUGUESE LANGUAGE: A CRITICAL AND PRACTICAL REFLECTION

Agnalva Nogueira Magalhães Silva 1
Rejane Antônio Coelho Trindade dos Santos 2
Romar Souza Dias 3

Resumo: Este trabalho discute a importância do uso dos gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa com enfoque na formação continuada de professores da rede básica de educação do estado da Bahia. Para entender as elucidações presentes nessa pesquisa, buscamos compreender o trabalho didático fundamentado nos gêneros textuais, de acordo com a visão de Marcuschi (2008), Soares (2001), Bakhtin (1992), Geraldi (1997), Porto (2009), Oliveira (1997) dentre outros, atentando para as concepções de linguagem e as metodologias elencadas na prática pedagógica de professores de Língua Portuguesa. Este estudo é uma pesquisa qualitativa cujo método é o estudo de caso. Como resultado, verificamos que o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa só ocorrerá de modo eficaz quando for fomentado e embasado no uso dos gêneros textuais, levando em consideração o contexto real em que os atores sociais fazem-se presentes.

Palavras-chave: Gêneros Textuais. Língua Portuguesa. Leitura. Escrita. Ensino.

Abstract: This paper discusses the importance of using textual genres in Portuguese Language classes focusing on the continuing training of teachers from the public education system of the state of Bahia. To understand the elucidations present in this study, we seek to understand the didactic work based on textual genres, according to the view of Marcuschi (2008), Soares (2001), Bakhtin (1992), Geraldi (1997), Porto (2009), Oliveira (1997) among others, paying attention to the conceptions of language and the methodologies listed in the pedagogical practice of Portuguese Language teachers. This study is a qualitative research whose method is the case study. As a result, we found that the process of teaching and learning Portuguese will only occur effectively when it is fostered by and based on the use of textual genres, taking into consideration the real context in which social actors interact.

Keywords: Textual Genres. Portuguese Language. Reading. Writing. Teaching.

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela 1
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Graduada em Letras Portuguesas
(2014) e em Pedagogia (2001) pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB,
Câmpus XII. Professora de Língua Portuguesa da Educação Básica do Município
de Palmas de Monte Alto – BA. E-mail: agna.nogueira@hotmail.com

Mestranda do PROFLETRAS pela Universidade Estadual do 2
Sudoeste da Bahia – UESB. Graduada em Pedagogia (2007) e em Letras
Português (2014) pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Câmpus XII.
Professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino do Município
de Guanambi – BA. E-mail: coelinhapma@hotmail.com

Doutorando em Linguística e Mestre em Linguística Aplicada pela 3
Universidade de Brasília (UnB). Professor Assistente da Universidade do Estado
da Bahia – UNEB, Câmpus VI. Pesquisador no Grupo de Pesquisa CNPq/UnB
“Língua, Discurso e Representação.” E-mail: rogabam@yahoo.com.br

Introdução

As constantes mudanças ocorridas na sociedade têm acarretado o rompimento de paradigmas tradicionais em todos os campos sociais, principalmente o educacional. No que se refere ao ensino e aprendizagem de línguas, a educação promovida pela escola constitui-se um caminho para a realização do projeto pessoal de vida do homem contemporâneo. Assim, as propostas pedagógicas e os direcionamentos das atividades educativas devem estar voltados para a qualidade e a melhoria das condições de vida dos aprendizes. O uso dos gêneros textuais torna-se uma prática imprescindível, pois gira em torno dos aspectos comunicativos veiculados socialmente. Produção oral, leitura e escrita constituem uma prática social, pois os atores sociais, ao vivenciar o ato de ler e escrever, mergulham em um processo de produção de sentidos inscritos na dimensão simbólica das atividades humanas, portanto, na linguagem. Dessa forma, entendemos que é através do discurso que o homem entra no universo da cultura e se configura como ser humano.

Na contemporaneidade, existe uma infinidade de gêneros discursivos que são objetos da ação e interação social. Nessa perspectiva, os gêneros textuais são mecanismos fundamentais de interação e de inserção constante nas atividades comunicativas humanas, principalmente no que diz respeito à formação leitora e escritora. Dominar a leitura e dominar a escrita continuam sendo um desafio para muitos aprendizes, pois esses não conseguem sobrepujar as ferramentas e/ou os símbolos linguísticos dados como convencionais, o que dificulta a sua inserção na vida social e nas atividades profissionais. Entendemos, dessa forma, que é imperativo o desenvolvimento de uma prática educativa, fundamentada no uso dos diversos gêneros textuais, para que o educando possa ter maior contato com a leitura e a escrita, desenvolvendo competências e habilidades cognitivas para se inserir no meio social e, sobretudo, para analisar criticamente a realidade, compreendendo a importância de sua participação na transformação da sociedade.

Cada momento sociocomunicativo em que o ator está inserido requer dele uma linguagem específica, pois o processo de produção de sentidos (oral ou escrito) se dá de diferentes formas, dependendo exclusivamente de cada situação interlocutora.

Acreditamos, portanto, que uma práxis educativa baseada nos diversos gêneros textuais permite a ampliação das competências linguísticas e discursivas dos aprendizes, bem como sua inserção e participação social, como cidadão crítico.

Diante do exposto, objetivamos, neste estudo, compreender o trabalho didático de duas professoras de língua portuguesa, fundamentado nos gêneros textuais (atentando para as concepções de linguagem adotadas pelos professores de Língua Portuguesa) e as implicações desse trabalho para a formação de aprendizes críticos.

O presente artigo estrutura-se em quatro seções, além desta introdução: na primeira seção, abordaremos alguns estudos acerca dos gêneros textuais numa perspectiva teórica e pedagógica; na segunda parte, apresentaremos os caminhos metodológicos que subsidiaram os estudos investigativos sobre o uso dos gêneros textuais na sala de aula; na terceira seção analisaremos e discutiremos os dados coletados, sistematizando os conhecimentos sobre o uso dos gêneros textuais e das práticas pedagógicas das professoras de Língua Portuguesa com o objetivo de entender qual concepção de linguagem subjaz à prática pedagógica desses atores; e, por fim, nas considerações finais, refletiremos sobre o resultado deste trabalho, enfatizando a importância de interlocuções similares, pois acreditamos que a formação continuada de professores da rede básica sob uma perspectiva de ensino crítica contribui, excepcionalmente, para a construção de uma sociedade igualitária fundamentada no princípio da equidade.

Os gêneros textuais: uma perspectiva teórica e pedagógica

Todas as atividades humanas estão correlacionadas ao uso da língua, que se efetiva por meio de enunciados orais e escritos, os chamados gêneros discursivos. A riqueza e a variedade dos gêneros que circulam socialmente são infinitas, uma vez que as atividades permeadas pela língua são inesgotáveis. Cada gênero tem uma forma, um estilo e um conteúdo, mas quem o determina é a função que ele exerce frente às atividades de interação social. Em outras palavras, a cultura determina e molda os gêneros discursivos de acordo com as intenções comunicativas.

Gêneros, nesse sentido, não podem ser vistos como modelos estanques de bases rígidas, mas, sim, como entidades dinâmicas em que a ação comunicativa é predominante propositiva. Portanto, a linguagem do gênero é determinada tanto pelas particularidades de quem fala ou escreve ou

mesmo pelo contexto discursivo de quem ouve ou lê, pois existe uma relação estabelecida entre locutor, discurso e interlocutor no uso dos gêneros. Para Bakhtin (1988), a linguagem não pode ser vista sob a ótica do locutor, como se ele estivesse isolado do contexto social, mas pensada em meio às relações dos atores sociais que estão envolvidos em práticas sociais específicas.

Marchuschi (2008) enfatiza que os gêneros são dinâmicos e de complexidade variável e infinita. Uma vez que são sócio-históricos, eles constituem práticas sociais relativamente estáveis, destinadas aos mais diversos moldes de controle social. De acordo com esse pesquisador, os gêneros são responsáveis por assegurar o poder hegemônico de determinados grupos sobre outros.

No que diz respeito ao ensino de línguas, trabalhar os gêneros textuais como recurso de interação em práticas de leitura e de escrita nas aulas de Língua Portuguesa é uma possibilidade de (re) significar o ensino para que seja consistente e faça sentido na vida do educando. O trabalho eficaz (envolvendo leitura e escrita) exige uma variedade significativa de textos, ou seja, o aluno deve ter a sua disposição diferentes textos para elucidar possíveis problematizações comunicativas cotidianas.

O uso dos vários gêneros textuais nas aulas de línguas possibilita aos discentes a compreensão dos diferentes usos da linguagem, sua forma e sua função na constituição das práticas sociais como também os aspectos ideológicos e de poder que contribuem significativamente para a reprodução ou para o desmantelamento da ordem social. Essa prática pode ser capaz de ampliar o conhecimento de mundo do aprendiz, melhorando assim, sua capacidade reflexiva e crítica. Nesse aspecto, podemos afirmar que a leitura é, sim, condição indispensável para a emancipação pessoal e social dos aprendizes.

Uma prática educativa com gêneros textuais pode ser capaz de produzir ganhos significativos no processo de formação de leitores fluentes e escritores de bons textos. No entanto, para que isso seja possível, os gêneros precisam estar inseridos no planejamento didático do docente da educação básica, em especial, neste estudo, daqueles que se encarregam da formação escolar dos alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental II. A noção de gênero textual não se desvincula do contexto sociocomunicativo, sendo necessário, portanto, um trabalho amplo que ultrapasse a ideia alicerçada na estrutura e no tipo do gênero, suscitando nos educandos a reflexão crítica sobre a função do gênero enquanto instrumento essencial de socialização e inserção nas atividades comunicativas humanas, pois como afirma Marcuschi (2008), um gênero textual não é só sua forma, estilo e conteúdo, mas é, sobretudo, sua função no evento comunicativo.

Metodologia de pesquisa

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em que discutimos a importância do uso dos gêneros textuais para a formação de aprendizes autônomos na contemporaneidade. Dessa forma, esse recorte, ao qual chamamos ora de 'artigo', ora de 'trabalho' e ora de 'estudo' é, portanto, uma pesquisa qualitativa que tem como método o estudo de caso. A pesquisa qualitativa visa interpretar com o intuito de entender o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes do corpus em análise, o que corresponde compreender com mais profundidade a dinâmica das relações dos atores sociais em contextos específicos de interação. Já o método estudo de caso se adequa a esta proposta, pois, dentro de um universo maior (neste caso, o campo educacional) pretendemos fazer um recorte de um objeto e colocá-lo em análise. Este objeto constitui-se parte de um todo, com significado capaz de permitir análise crítica acerca da realidade investigada e à tomada de decisões e/ou à proposição de ações transformadoras.

Participantes do estudo

Participaram deste estudo duas professoras de Língua Portuguesa. Elas são professoras efetivas com uma carga horária de quarentas horas semanais. Ministram aulas na rede pública no Ensino fundamental II. As duas possuem nível superior na área de educação e especialização em várias áreas correlatas, desde Gestão da Educação à Metodologia do Ensino Superior. Além disso, têm uma vasta experiência no fazer educativo, pois já estão a mais de dezoito anos na praxis docente. A faixa etária dessas professoras varia entre 41 e 45 anos.

Vale ressaltar que a escolha dessas professoras se deu por elas atenderem aos parâmetros que justificam os objetivos desse artigo: as professoras afirmam que possuem conhecimento teórico e *prático* sobre *gêneros textuais* e enfatizam que fazem uso deles em suas aulas de Língua Portuguesa.

Instrumentos utilizados na coleta dos dados

Os instrumentos de coleta dos dados foram a observação participante e as entrevistas semiestruturadas. Esses instrumentos foram importantes, pois através deles conseguimos perceber as significações atribuídas ao desafio do ato de ensinar.

Método de análise dos dados

O método de análise dos dados é o método interpretativista (MOITA LOPES, 1994). Esse método se torna adequado a este estudo, pois pretendemos interpretar os dados coletados, levando em consideração tanto a ação dos professores no evento social específico de interação (a sala de aula), quanto o que eles dizem ter conhecimento sobre essas ações. Sob o viés teórico desse método, confrontamos nossas experiências, como pesquisadores, às experiências dos participantes e dessa dinâmica surgem os resultados esperados.

Ainda, vale ressaltar que o método interpretativista abre margem para a interpretação sob qualquer ponto de vista particular. Dessa forma, o ponto de vista aqui apresentado abre margem para outras interpretações e é exatamente isso que também pretendemos ao apresentar este estudo, pois acreditamos que é no entrelaçar dos olhares, é no embate das ideias que novos discursos reflexivos surgem. Esperamos que a leitura deste artigo possa contribuir para reflexões críticas sobre o fazer pedagógico de professores que estão engajados em compreender a forma como ensinam. Dito isto, passaremos agora para a análise e discussão dos dados.

Análise e discussão dos dados

Esta seção compreende a discussão e análise dos dados coletados em consonância com a explanação teórica e procedimentos metodológicos descritos nas seções anteriores. Aqui, procuraremos identificar qual concepção de linguagem subjaz à prática pedagógica das professoras que participaram deste estudo. Os dados apresentados pelas docentes ajudarão a lançar inteligibilidade sobre os possíveis desafios e possibilidades do uso dos gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa, apontando para práticas adequadas à realidade dos educandos que frequentam o Ensino Fundamental II, de acordo com a teoria que embasa o ensino de Língua Portuguesa, pautada no uso dos gêneros textuais.

Ensino de Língua Portuguesa: uma análise acerca da compreensão de linguagem e gêneros textuais

Sobre Helena e Clarice¹: concepção de linguagem norteadora da prática educativa

Quanto ao ensino de Língua Portuguesa, Helena e Clarice apresentam definições paralelas, complementares. Helena deixa claro em seus relatos as contribuições, as possibilidades e o dinamismo inerente ao processo de ensino aprendizagem. Ela aborda a importância de propostas de ensino fundamentadas e delineadas de acordo com as concepções de língua e linguagem próprias do processo discursivo, uma vez que afirma que o ensino de Língua Portuguesa (LP) deve “contribuir de maneira significativa para que a aprendizagem tanto da leitura quanto da escrita aconteça de forma dinâmica e prazerosa, baseada nas funções da linguagem” (Helena, entrevista 01, p.01). Ela refere-se ainda ao papel da LP no currículo e acrescenta que no contexto da escola pública devemos levar em consideração as “possibilidades de trabalho com estudo de textos diversos e produção de textos, o que facilita o entendimento de outros tantos textos que servirão como base para estudos posteriores em outras disciplinas do currículo escolar” (Helena, entrevista 01, p.01). Já Clarice, sobre o papel do ensino de LP, relata que é fundamental, “desenvolver a competência comunicativa do aluno e torná-lo apto a se comunicar e a entender aquilo que os outros comunicam nas mais

1 Nomes fictícios cujo objetivo é preservar a identidade das professoras.

diversas situações de uso da língua. Além disso, é imprescindível ampliar a competência do aluno para o exercício mais pleno, fluente e interessante da fala, da escrita, da escuta e da leitura". (CLARICE, entrevista 01, p. 01).

Diante do exposto pelas participantes, percebemos que as compreensões por elas apresentadas são equivalentes. Quando as professoras relacionam o ensino integrado a outras disciplinas, deixam indícios de que o educando precisa desenvolver competências discursivas necessárias. Uma vez que a escola, enquanto instituição de ensino, pauta-se nos usos da língua escrita e oral como prática social, os conhecimentos escolares devem estar voltados a subsidiar os aprendentes na resolução de problemas individuais e coletivos mediados pela linguagem, na sociedade em que estão inseridos (MARCUSCHI, 2008).

Nesse primeiro momento, parece que as abordagens das docentes sobre o papel da LP estão coerentes e adequadas, visto que o ensino de língua deve desenvolver um grau elevado de letramento, ir além das capacidades técnicas do ler e escrever, permitindo ao aprendiz as habilidades necessárias para usar a língua de forma eficiente em sociedade (BAGNO *et al.*, 2002). Assim, faz-se necessário que educadores, em especial, os de Língua Portuguesa, compreendam o que os PCNs apontam sobre os objetivos gerais na área de língua materna:

[...] O ensino de Língua Portuguesa, hoje, busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizados nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola e no mundo do trabalho. (BRASIL, 2001, p.55).

A compreensão do papel do ensino de LP por parte dos mediadores do saber é imprescindível para que possam delinear com segurança as diretrizes a serem seguidas no processo constitutivo da aprendizagem. Assim, verificamos o entendimento das professoras acerca de abordagem, método e metodologias utilizados no trabalho com gêneros textuais e percebemos que Helena compreende essa tríade, como "um conjunto de ações/procedimentos sistemáticos utilizados para a realização de um trabalho de qualidade com os gêneros textuais" (HELENA, entrevista 01, p.4.). Clarice, ao ser questionada sobre a mesma temática, apenas aponta "abordagem sociointeracionista e o uso de metodologias diversificadas" (CLARICE, entrevista 01, p.04). Observamos que as respostas apresentadas divergem do questionamento realizado e não fornecem definições objetivas e claras para os termos investigados. No entanto, a resposta de Clarice sugere, nas entrelinhas, que o delineamento do seu trabalho embasa-se numa concepção sociointeracionista.

Percebemos que tanto Helena quanto Clarice conseguem esboçar uma definição teórica, porém ainda tímida sobre a tríade que compreende abordagem, método e metodologia. No entanto, ratificamos que é imperativo que, na ação educativa, o professor saiba diferenciá-los para traçar sua linha de trabalho e assim alcançar as metas e os objetivos almejados, pois são elementos essenciais que fundamentam e norteiam uma prática pedagógica eficiente.

De acordo com a abordagem sociointeracionista, todo trabalho educativo, principalmente com o uso dos gêneros textuais, deve estar pautado, em sua gênese, em métodos e metodologias que contemplem uma visão de linguagem como prática social. Diante disso, alguns estudiosos, exemplo, Bakhtin (1992), Marcuschi (2008), Soares (2001), Geraldi (1997), Porto (2009), Oliveira (1997) e Freire (2003), dentre outros, afirmam que qualquer atividade relacionada ao processo de ensino e aprendizagem deve apontar de modo sucinto a compreensão acerca do trabalho desenvolvido, de modo a existir coerência entre o que ensinar, para que ensinar, como ensinar e quando ensinar. Ainda sobre isso, os PCNs (1997) elucidam que:

Há estreita relação entre o que e como ensinar: determinados objetivos só podem ser conquistados se os conteúdos tiverem

tratamento didático específico. A questão não é apenas qual informação deve ser oferecida, mas, principalmente, que tipo de tratamento deve ser dado à informação que se oferece. A própria definição dos conteúdos já é, em si, uma questão didática que tem relação direta com os objetivos colocados. (BRASIL, 1997, p. 65).

Desse modo, o redirecionamento do trabalho educativo deve centrar-se em concepções teórico-metodológicas que viabilizem as condições necessárias do aprender. Geraldi (1997) *apud* Porto (2009, p.12) ressalta que “no ensino de Língua Portuguesa, uma resposta ao ‘para que’ envolve tanto uma concepção de linguagem quanto uma postura relativa à educação”. Entendemos, então, que a concepção de linguagem como prática social deve ser reverenciada ao pensarmos um ensino que possibilita a formação leitora e escritora dos educandos numa visão crítica e reflexiva do processo, pois a linguagem é uma atividade inerente à vida humana. Nela interagimos, realizamos ações, agimos e atuamos no mundo.

Os aspectos sócio-históricos, culturais, políticos e econômicos redimensionam o contexto comunicativo entre o sujeito social e suas ações, viabilizando melhor a compreensão da realidade e definindo o papel que se deve exercer na sociedade por meio da linguagem. No ensino, abordar a importância da linguagem no processo de interação e na socialização do ser humano é fundamental e é com essa visão que Porto (2009, p.13) situa a linguagem e o professor como atores da interação. A autora define linguagem da seguinte forma:

Entendo a linguagem como interação, também o professor precisa ser sujeito e se acreditar como alguém que, como os alunos, pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende, reaprende. E isso tudo a partir do uso da língua, em circunstâncias de oralidade, de leitura e de escrita. Ou seja, a mudança no ensino do Português não está nas “metodologias” ou nas “técnicas” usadas. Está na escolha do objeto de ensino, a língua que se materializa no texto enquanto discurso oral e escrito, percebendo as ações que os sujeitos realizam com a linguagem: avaliar, persuadir, informar, divertir, convencer, doutrinar seduzir, etc. (PORTO 2009, p.13).

Porto (2009, p.14), fundamentado numa visão Bakhtiniana (1988), ressalta o caráter social da linguagem “como enunciação, como discurso, ou seja, como forma de interlocução, em que aquele que fala ou escreve é um sujeito que, em determinada situação, interage com um interlocutor, levado por um objetivo, uma necessidade de interação”.

Essas ‘ações que os sujeitos realizam com a linguagem’, sinalizadas por Porto (*op.cit.*), estão pautadas nos estudos de Austin (1990, 1995) e Searle (1970), quando esses teóricos afirmam que a linguagem não apenas representa coisas no/do mundo social e nem apenas descreve as coisas no/do mundo social. De acordo com esses autores, é importante que todo professor/pesquisador tenha entendimento sobre os caracteres performativo e perlocucionário da linguagem, pois ao falarmos estamos produzindo significados e fazendo coisas no mundo. Em outras palavras, ao fazermos uso da linguagem estamos agindo sobre as outras pessoas, construindo e/ou reforçando identidades sociais e construindo/ratificando sistemas de conhecimento e de crenças, conforme nos assevera Fairclough (2008). Assim, no que diz respeito ao processo de ensinar e aprender línguas, o conhecimento sobre gêneros textuais é imprescindível para a confecção de planos de curso e de planos de aula eficientes que levem o educando a compreender a linguagem não como um mecanismo neutro, mas como um organismo vivo que realiza ações em seu entorno social, como tão bem descreve Porto (*op.cit.*).

Sobre Helena e Clarice: concepção de gêneros textuais

O entendimento da concepção de linguagem, ancorado na prática de Helena e na prática de Clarice é um aspecto imprescindível para refletirmos sobre as concepções das docentes acerca dos gêneros textuais e as perspectivas em que esses gêneros são utilizados no cotidiano escolar.

Nesse contexto, Helena ao expressar seu ponto de vista sobre os gêneros textuais, faz referência aos postulados de Porto (2009). Ela diz que “gêneros textuais são modelos de textos que circulam socialmente e que estabelecem formas próprias de organização do discurso” (HELENA, entrevista 01, p.03). Relata ainda que os gêneros textuais são utilizados no cotidiano escolar na perspectiva de “contribuir para a construção do conhecimento” (HELENA, entrevista 01, p.03).

A participante afirma que os gêneros que mais prioriza em sua prática pedagógica são “cartas, anúncio publicitário, artigo de opinião, poesia, histórias em quadrinhos, notícia, jornal, fábula, conto, etc.” (HELENA, entrevista 01, p.05). Acrescenta que para introduzir esses gêneros em seu planejamento didático, leva em consideração a realidade vivenciada pelos alunos. Sobre isso, ela afirma que

[...] é partindo da realidade dos alunos que penso minhas aulas, seleciono os textos a serem trabalhados, preparo as atividades para serem desenvolvidas. Entendo que ao tomar conhecimento da realidade dos meus alunos consigo organizar meu trabalho de forma que melhor atenda a necessidade dos mesmos (HELENA, entrevista 01, p.06).

Clarice, por sua vez, diz que gêneros textuais são “vários tipos específicos de textos de qualquer natureza, literários ou não, tanto na forma oral como na escrita, e com características e funções específicas” (Clarice, entrevista 01, p.03). Ela assume que faz uso desses gêneros na perspectiva de,

[...] conduzir os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos orais ou escritos e identificarem as características de cada um, pois além de instrutivos, permitem ao produtor a produção textual, construir esquemas de interação com outras pessoas através do texto e criar situações sistêmicas de reflexões sobre os aspectos estruturais dos gêneros (CLARICE, entrevista 01, p.03).

Nessa linha de trabalho e entendimento, a presente professora alude que são vários os gêneros trabalhados nas aulas de LP. Ela os elenca como,

[...] conto, fábula, crônica, reportagem, notícia, poema, anúncio publicitário, propaganda, cartoon, charge, história em quadrinhos, romance, artigo de opinião, crítica, editorial de jornais e revistas, dentre outros. No 9º ano priorizo artigo de opinião, romance, crítica e reportagem (CLARICE, entrevista 01, p.05).

Segundo Clarice, a escolha e seleção desses gêneros são feitas partindo da “realidade vivenciada pelos alunos” (CLARICE, entrevista 01, p.03), pois acredita que dessa forma ela poderá “desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar da Língua Portuguesa e de outras” (CLARICE, entrevista 01, p.03).

Analisando detalhadamente as falas das participantes, percebemos que elas possuem conhecimento teórico sobre os gêneros textuais, pois reconhecem que toda manifestação verbal acontece por meio de textos, realizados em algum gênero, sendo que é por meio deles que concretizamos as atividades discursivas nos diversos contextos sociais (MARCUSCHI, 2008). Com esse entendimento, as professoras afirmam usar os gêneros textuais nas aulas de LP por acreditarem que através deles produzem-se conhecimentos e constroem-se esquemas de ação e interação social. Os argumentos das professoras parecem ir ao encontro das palavras de Antunes (2009, p. 61) quando a pesquisadora explicita que “os gêneros textuais permitem que se apreenda o funcionamento da língua como parte de muitas e diferentes relações histórico-sociais”.

Algumas conclusões

É a partir da concepção de linguagem que o professor constrói a sua metodologia, a sua

práxis pedagógica. Dessa forma, ter conhecimento explícito sobre como a linguagem influencia na construção do mundo social é imperativo. Como professores reflexivos, temos plena consciência de que é na formação continuada que os professores terão acesso, com mais profundidade, a teorias oriundas da prática que os farão mais conscientes de seu papel na formação de cidadãos autônomos, participantes ativos na construção de significados em suas interações sociais. Pela análise dos relatos de Clarice e Helena, percebemos que o conhecimento de teorias linguísticas [do qual elas têm posse] é o responsável pela forma como elas agem em sala de aula, sempre colocando o aluno no centro de sua prática pedagógica. Assim, percebemos a importância de o professor estar sempre em contato com teorias que o ajudam a explicar a forma como eles constroem seus métodos. Quando um professor sabe explicar a forma como trabalha em sala de aula, ele está a um passo a frente rumo a uma educação de qualidade que pode ser capaz de empoderar os alunos para agirem com autonomia em qualquer contexto social específico onde se encontram.

Considerações Finais

O processo de ensino-aprendizagem de uma língua é amplo e abarca uma série de questões suscetíveis de investigações. Nossa intenção, neste estudo, é que esta discussão sirva como instrumento fomentador de reflexões por parte de educadores e de todos aqueles que se encontram envolvidos com o processo educacional como um todo, a fim de aguçar o pensamento crítico sobre a concepção de linguagem, sobre a utilização de metodologias mais adequadas à prática educativa e, em especial, sobre o uso dos gêneros como instrumento facilitador da formação leitora e escritora. Nesse sentido, Freire (2005) sinaliza que é imprescindível que haja um pensar crítico sobre a ação desenvolvida em sala de aula, pois sem essa postura a teoria torna-se apenas discurso e a prática uma reprodução de saberes alienados, desprovidos de questionamentos.

Vale ressaltar ainda que para alcançar os objetivos e metas elencadas no ensino de Língua Portuguesa com o uso dos gêneros textuais, é preciso priorizar um fazer pedagógico organizado, em que a leitura e a escrita sejam concebidas como conteúdos primordiais, entre tantos outros, necessários a aprendizagem dos educandos, pois a formação leitora e escritora só se efetiva verdadeiramente quando articulada a uma multiplicidade de saberes intimamente relacionados ao uso dos gêneros textuais, principalmente àqueles que fazem parte do universo do educando. Nesse contexto, a linguagem e a interação passam a ser uma ação educativa, social, intencional, discursiva que forma leitores, escritores e cidadãos críticos na atual sociedade em que vivemos. Acreditamos fortemente, assim como Almeida (2017), que é a leitura e, conseqüentemente, a escrita que vão garantir que a criança, o jovem e o adulto acessem, participem, interfiram e modifiquem suas realidades.

Referências

ALMEIDA, Geraldo Peçanha. **Dificuldades de Aprendizagem em Leitura e Escrita**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2017.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2009.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**: palavras em ação. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with the words**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 1995.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. (orgs). **Língua materna: Letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentín Nikoláievitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto**

ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 26ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 41 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação.** Campinas, Mercado das letras/ABL, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: A linguagem como condição e solução.** D.E.L.T.A, Vol. 10, N.2, 1994, p. 329-338.

OLIVEIRA, Martha Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1997.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais.** Curitiba: Aymar, 2009.

SEARLE, John. **Expression and meaning.** USA. Cambridge, 1970.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 4ª Ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010

Recebido em 26 de outubro de 2019.

Aceito em 17 de janeiro de 2020.